**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

**Trabalho Final de Estética II**

Discentes:

João Marcelo nº USP 10749272

Maria Lina Aricó Bovo nº USP 11894367

Giovanna de Vitro Chiachio n°USP 11759504

Docente:

Ruy Sardinha Lopes

**SÃO CARLOS**

**2022**

**PARADOXOS OU NOVAS FORMAS DE PENSAR A RELAÇÃO ENTRE ARTE E POLÍTICA**

A concepção atual que os indivíduos têm sobre o que é política e sobre o que é arte pode variar drasticamente, dependendo do contexto social em que esse conceito é colocado em questão. Entretanto, em meio a essa ampla variação de conceitos, um fato em comum pode ser observado: práticas poéticas e políticas, quando passam a ter impacto na vida real, sempre deixam seus observadores em estado de atenção.

É nesse contexto que o filósofo francês Jacques Rancière - cujo trabalho se concentra nas áreas de Estética e Política - afirma que:

*“(...)arte e política produzem ficções, construídas entre a aparência e a realidade,*

*entre o visível e o seu significado, entre o singular e o comum.”*

(RANCIÈRE, Jacques. “Política da arte”*.* In: *São Paulo S.A. –*

*práticas estéticas, sociais e políticas em debate. São Paulo*: SESC)

A partir dessa afirmação, pode-se observar que obras de ficção literárias ou audiovisuais, independente de seu meio de reprodução (cinema, televisão, teatro, ou até mesmo os modernos podcasts), sempre refletem uma efervescência sociopolítica pertinente naquele momento em que essa ficção é lançada ou é trazida à tona.

Como exemplo na atualidade, é possível citar a série televisiva de produção americana “The Handmaid 's Tale” (O Conto da Aia, na versão brasileira) lançada em 2017. A série é baseada no livro da escritora Margaret Atwood, e se passa na distopia de Gilead, uma sociedade totalitária que enfrenta desastres ambientais, e é governada por um fundamentalismo religioso e por políticas de uma extrema direita, defensora das ideias de “Deus, Gilead e família”. Apesar do livro que baseou a série ter sido lançada em 1985, o momento político dos Estados Unidos em 2017, com a então eleição presidencial de Donald Trump, cujas ideias estavam alinhadas com a extrema direita observada na série, fez a ficção soar como um aviso sobre o perigo iminente ao qual os estadunidenses estavam submetidos.

Ao mesmo tempo em que a arte audiovisual e literária buscou denunciar e alertar de várias formas, desde meados de 2015, sobre o crescimento exacerbado do conservadorismo na política, foi também um período em que os defensores dessas ideias extremistas passaram a ganhar popularidade de forma exponencial.

Assim, se observa um paradoxo evidente na relação entre arte e política na contemporaneidade: aquilo que a arte está combatendo é justamente o que está se tornando popular na política. O exemplo estadunidense pôde ser observado em toda a América Latina, como é o caso no Brasil, entre a popularidade considerável do presidente Jair Bolsonaro e a repercussão do filme “Bacural (2019)”, que denuncia de forma categórica o apagamento do patrimônio cultural popular de um povo.

É nesse sentido que Rancière, na obra *O Espectador Emancipado (2008),* cita um certo descompasso entre as obras teatrais (e que pode se transmitir pra outros veículos de arte), e os acontecimentos políticos na qual se passam:

*“O problema (...) refere-se ao próprio dispositivo. Sua fissura põe à mostra*

*que a eficácia da arte não consiste em transmitir mensagens,*

*dar modelos ou contramodelos de comportamento ou ensinar*

*a decifrar as representações. Ela consiste sobretudo em disposições*

*dos corpos, em recortes de espaços e tempos singulares*

*que definem maneiras de ser (...)”*

(RANCIÈRE, Jacques. “O Espectador Emancipado”*, Pág.53)*

Esse evidente descompasso abre ainda mais margem para que se fale sobre paradoxo. Mais tarde, na mesma obra, Rancière traz à tona o conceito de “Eficácia Estética”, que, de acordo com o autor, diz respeito à “eficácia da suspensão de qualquer relação direta entre a produção de um efeito determinado sobre um público determinado (pág.58)”, dando o exemplo da estátua grega “Torso de Belvedere”, que apesar de ser desprovida de todas as características de “beleza expressiva”,ainda assim foi convertida em uma figura heróica por Schiller através de suas análises, a qual buscavam enaltecer a todo custo suas características e, assim, “criar” um significado para ela no imaginário popular.

Essa construção da imagem do Torso, também chamado de “Paradoxo de Schiller” é um caso de eficácia estética, uma vez que se fabricou um efeito sobre um público a partir de uma obra que não foi, necessariamente, concebida com essa finalidade. Contudo, atualmente, vários séculos após sua construção, essa mesma estátua já não possui mais um significado mítico nem se dirige a um público específico: é “apenas” uma arte de museu.

A partir disso, é possível questionar se a popularidade de “O Conto da Aia” e de “Bacurau” anteriormente mencionados, que em seus lançamentos tiveram um alcance considerável, se deu pela compreensão popular sobre as questões que as obras levantam, e se essa compreensão vai, de fato, ter impacto na vida política ao longo do tempo, ou se foi apenas uma euforia de momento causada pelas circunstâncias em que se tornaram populares, tal como aconteceu com o Torso de Belvedere.

Em meio a discussão sobre os paradoxos ou novas formas de se pensar a relação arte e política na contemporaneidade, Osorio afirma que o mundo da arte é bastante contraditório. Quando ele diz isso, ele se refere a como na arte contemporânea tem surgido o Monolinguismo do Global. Como afirma a historiadora Kaira Cabañas afirma: “monolinguismo do global se manifesta, dentre outras formas, no pseudomorfismo desenfreado que caracteriza diversas exposições de arte contemporânea”. Com essa fala, Osório questiona, em meio ao fato de muitas exposições no universo globalizado da arte contemporânea aproximam coisas díspares e disseminam um mesmo repertório formal sem qualquer aderência histórica e cultural, como é possível produzir algum ruído no meio da fala hegemônica e consensual sobre o que seja arte.

Um caso que exemplifica o questionamento do “o que é arte?” seria o caso como ocorre Forensic Architecture, que segundo Osorio produz algum ruído: “a introdução da não-arte no espaço institucional da arte [...] quer-se, por um lado, recusar o ensimesmamento da arte, como se ela pudesse falar apenas de si mesma, buscando modos dissonantes de falar ao mesmo tempo de si e do mundo; por outro, quer-se manter a arte como um significante aberto que não se deixa determinar de fora, a partir dos discursos e sentidos já instituídos e estabelecidos.

Segundo Rancière, “funda, a uma só vez, a autonomia da arte e a identidade de suas formas com as formas pelas quais a vida se forma a si mesma”, ou seja, a autonomia da arte permite as infinitas possibilidades de sua materialização e produção de sentido. Quando Duchamp expõe um mictório como obra de arte, é um exemplo de que “não há mais nenhuma qualidade plástica ou formal que garanta um modo específico de aparecer da arte.”. No contemporâneo, no presente, as diversas formas de expressão da arte não é mais o questionamento de como vemos a arte, mas sim de pôr em suspensão a percepção do mundo em que vivemos, desestabilizando as identificações estabelecidas, produzindo no espectador formas heterogêneas de sentir. (OSÓRIO, 2020, p. 77).

Trazendo um sentido mais político da desregulação do fazer artístico, na arte contemporânea tornou-se cada vez mais comum a exposição de arte ou expressões mas sem qualquer propósito específico. É nesse sentido que se materializa a “arte sem arte” como Lygia Clark define suas intervenções, que dizem muito sobre a forma que traz ao espectador diferentes formas de sentir aquela experiência.

Enquadrando essa fala sobre a arte contemporânea e diversas formas do espectador sentir, é importante, quando se fala da atualidade, discorrer em como globalização contribui também para a atribuição de diversos significados a uma mesma imagem, como a rapidez e enorme disseminação de imagens ao redor do mundo, faz com que o sentido possa ser ressignificado diante de cada contexto específico.

Através dessa discussão é possível discorrer sobre a arte contemporânea e o surgimento de novas formas de se expressar arte, de se pensar arte e política, com a amplitude de sentidos diante de uma expressão, temos exemplos no contemporâneo que colocam em questão o que é arte e até que ponto determinada expressão é arte ou está causando algum sentido para o espectador. Uma vez que para Ranciére, a estética está ligada ao real, ao social e ao político, é posto um paradoxo na discussão da arte e não-arte, ou ainda mais a sua politização, porém até que ponto é preciso atribuir sentido aquela exposição e como tal prática limita a suspensão de sentidos ao espectador.

Ao longo do semestre e das discussões semanais em sala de aula foram feitos diversos questionamentos sobre o conceito de arte, e principalmente as diferenças e paradoxos entre a arte moderna e a arte contemporânea. Segundo o texto de Celso Favaretto:

*“Chama-se ‘arte contemporânea’ o ato de transgressão da fronteira que tende sempre a se reinstaurar, entre o que é admissível no campo da arte e o que não, ou não o é ainda. Ultrapassar esse limite a fim de torná-lo perceptível e consciente, eis o que próprio de uma arte que, com ou sem razão, confiscou a denominação de ‘arte contemporânea’. Esse constante questionamento das fronteiras da admissibilidade artística- a interrogação constantemente renovada- é retomada pela dinâmica das relações entre o artista transgressivo, o público indignado e a instituição (galeria, museus, administrações culturais, críticos…) esforçando-se por redesenhar uma fronteira ampliada.”*

(FAVARETTO, Celso. “Arte contemporânea: opacidade e indeterminação.”)

Desta forma podemos interpretar como a arte contemporânea sendo um objeto em constante mudança e construção, que contrasta com a proposta de arte moderna do século XX, onde dadaístas e surrealistas já questionavam o belo e o que a arte representava para contrapor o que a arte clássica propunha, porém sem os recursos que o mundo contemporâneo possui, como a internet, o mundo cada dia mais globalizado, a rapidez de informação, mudando completamente o cenário de percepção artística, do que consiste em criatividade e criação.

Porém, apesar de todo o esgotamento da discussão, é muito curioso e paradoxal que a comunicação visual e linguística do objeto artístico persiste no mesmo conceito: o de que o sujeito que cria a arte é o que determina a forma de sua representação. É onde encontramos mais fortemente essa contraposição entre o moderno e o contemporâneo, como afirma Favaretto:

*“(...) a crença do poder da arte em disseminar ou exercitar e ampliar a criatividade humana estaria ainda tentando realizar princípio moderno que visava modelar a totalidade da vida cotidiana reconciliando as esferas separadas da vida.”*

(FAVARETTO, Celso. “Arte contemporânea: opacidade e indeterminação.”)

A política, como algo inerente a qualquer indivíduo, tanto no mundo moderno quanto no mundo contemporâneo, possui papel irrefutável no paradoxo dos respectivos momentos artísticos, já que a evolução do mundo trouxe “sujeitos” com novos ideais, costumes e percepções. O mundo contemporâneo permitiu consolidar melhor as rupturas que o mundo moderno lutou para com o clássico. Atualmente, principalmente com o advento da internet e da disseminação de informações, podemos notar a diversidade de discussões de cunho ambiental, social e político. Temas como racismo, desigualdade social, aquecimento global, feminismo, machismo, homofobia e partidos políticos são recorrentes na vida cotidiana da população mundial atual, fazendo com que as representações artísticas estejam presentes em meio a este universo totalmente novo e contrastante com o mundo moderno, mas que ao mesmo tempo apresenta semelhanças inintendíveis.

*(...) pois o novo, o que diferencia e abre vulto da significação, é ruptura, abolição da representação, da forma eleita, inventor da vida nova. Busca política, isto é, busca do que é “comum”, procura da reconfiguração do sensível comum”(...)*

(FAVARETTO, Celso. “Arte contemporânea: opacidade e indeterminação.”)

Assim, podemos perceber que o mundo contemporâneo entrou em uma esfera muito mais complexa da definição de arte, já que o sujeito, o público, o meio, a linguagem e a comunicação em sua maioria, são muito mais determinantes do que o próprio objeto artístico ou arquitetônico. As redes sociais e meios de comunicação trouxeram uma variável até então inexistente no mundo moderno e anteriormente: a onipresença do público. A rapidez com que a informação percorre o mundo cria personagens críticos em qualquer lugar, público que supostamente viu o objeto artístico mas que, em sua verdadeira essência, viu sua reprodução em uma tela.

*“Essa estetização difusa, típica da sociedade de consumo, comprometida com uma pretensa estética da vida, quer fazer crer que a arte pode transformar as nossas estruturas perceptivas pela simples generalização da arte na vida cotidiana - principalmente por meio das novas tecnologias que, acredita-se, estarem produzindo uma intervenção no tradicional regime estético, propondo que a noção de ‘visibilidade cultural’ substitui atualmente o conceito de imagem.”*

(FAVARETTO, Celso. “Arte contemporânea: opacidade e indeterminação.”)

Após discussão e análise dos textos, conclui-se que a arte contemporânea ainda está em sua formação e compreensão plena. A era digital e das informações veio para arrebatar tudo que antes era pré definido, de forma a alcançar coisas, pessoas e lugares inimagináveis. Os paradoxos que o mundo contemporâneo apresenta com relação ao mundo moderno deve ser levado plenamente em consideração, pois o passado reflete no presente e principalmente no que está por vir. Segundo Celso Favaretto: “*(...) é bom lembrar que atualmente os esquemas perceptivos provêm em grande medida dos cartazes, das fotografias, das imagens do cinema, da televisão e outros meios, e não tanto das artes.”*

**Referências**

OSORIO, LUIZ CAMILLO . **Querelas que interessam: Forensic Architecture e os paradoxos da arte e da política.** VISO : CADERNOS DE ESTÉTICA APLICADA , v. 14, p. 71-91, 2020.

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado.** Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 15, p. 107-122, 2010.

FAVARETTO, C. **Arte contemporânea – opacidade e indeterminação.** Rapsódia, [S. l.], n. 8, p. 11-28, 2014.